

Covas anuncia saída do PMDB e põe cargo à disposição



Mário Covas discursando no plenário do Congresso, cercado de parlamentares

MAURO LOPES
Da Sucursal de Brasília

Diante de menos de 30 parlamentares, o senador Mário Covas anunciou na sessão matinal do Congresso constituinte, ontem, que deixará o PMDB "na pior das hipóteses no dia em que terminarmos a Constituição". Apesar de anunciar seu futuro desligamento do PMDB, Covas não renunciou ao cargo de líder do partido no Congresso constituinte, dizendo apenas, em diversos trechos de seu discurso de 15 minutos, que o cargo está à disposição da bancada peemedebista.

Nem o presidente do Congresso constituinte, da Câmara e do PMDB, Ulysses Guimarães, estava presente à sessão, quando Covas anunciou sua futura saída do PMDB. De seu gabinete, Ulysses ouviu o discurso de Covas e, mais tarde, respondeu com outro discurso, curto, elogioso

em relação ao senador, mas sem qualquer apelo para que Covas continue no partido ou como líder do PMDB no Congresso constituinte. A ausência de Ulysses foi notada pelo próprio Covas, que iniciou e encerrou seu discurso dizendo que "pretendia fazer esta comunicação com a presença do presidente do meu partido a presidir os trabalhos, mas ele não está aqui e eu tenho a obrigação de fazer isto hoje".

A sessão, sem quórum, sequer foi dedicada ao debate da decisão de Covas. Após o discurso do senador, o relator do Congresso constituinte, deputado Bernardo Cabral (PMDB-AM), começava o seu, lamentando a decisão de Covas e fazendo um apelo para que ele revise a atitude, quando o deputado Raimundo Bezerra (PMDB-CE) interrompeu-o às 11h40 para comunicar a morte do senador Virgílio Távora (PDS-CE). Pouco depois, Ulysses assumiu a

presidência da sessão, fez seu rápido discurso dirigido a Covas e em seguida dedicou-se somente a discursos de diversos parlamentares em homenagem a Virgílio Távora.

Covas revelou no discurso, e mais tarde, em entrevista, que já há dois ou três meses (não se lembrava da data correta) havia comunicado, numa conversa sigilosa, a decisão de sair do PMDB a Ulysses Guimarães. E que decidiu fazer o anúncio ontem porque já havia insinuado esta decisão na última quinta-feira, durante uma reunião com 40 parlamentares peemedebistas que lhe fizeram um apelo para que ficasse no partido, e porque "os fatos se precipitam", com notícias de seu desligamento do PMDB aparecendo "quase todos os dias na imprensa".

O líder do PMDB no Congresso constituinte disse que não convocará a bancada do partido para referendar (ou não) sua liderança, apesar

de dizer que "sou um homem nitidamente dessintonizado com a maioria da bancada do PMDB". afirmou também que "é muito provável" se filiar ao novo partido que está sendo articulado por dissidentes e "históricos" do PMDB.

Ao sair da sessão do Congresso constituinte, Ulysses Guimarães, sem que fosse questionado por qualquer repórter, tomou a iniciativa de dizer que as eleições municipais não deverão ser adiadas. "Há um zunzum por aí de que se prorrogariam os mandatos dos atuais prefeitos e vereadores, mas as eleições estão marcadas e vão se realizar", afirmou.

Ao contrário de Covas, que havia afirmado que "vamos ter dificuldades de quórum para votar daqui para diante", Ulysses disse "haverá quórum para terminarmos a nova Constituição, com certeza".

Dissidentes debatem estatuto do novo partido

Da Sucursal de Brasília

Um minuto e trinta segundos de aplausos de seus partidários saudaram a chegada do senador Mário Covas — o maior derrotado na votação do mandato do presidente José Sarney — às 16h30 de ontem a uma reunião de 43 parlamentares dispostos a formar um novo partido, com data de lançamento marcada para 24 de junho. Senadores e deputados dissidentes do PMDB, PFL, PDT e PTB reuniram-se sob a coordenação de Covas, Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP), Euclides Scalco (PMDB-PR) e Pimenta da Veiga (sem partido-MG) para discutir programa e estatutos do partido.

"Houve um consenso em torno de que, até por uma estratégia de promoção, o partido deve ter um candidato à Presidência da República", disse o ex-governador Franco Montoro, que participou do encontro. "Os aplausos evidenciam que o senador Covas é um grande nome do novo partido, mas não indicam necessariamente que ele seja o candidato", observou Pimenta. "Temos que ter candidatos não só à Presidência mas também às Prefeituras", acrescentou Cardoso.

Fernando Henrique Cardoso e os senadores Chagas Rodrigues (PI), Teotônio Vilela Filho (AL), José Ignácio Ferreira (ES), José Paulo Bisol (RS) e José Richa (PR) devem deixar o PMDB até o dia 20, para poderem participar das Comissões Diretores provisórias. Mário Covas, segundo apurou a Folha, vai esperar ainda pela reação da bancada à sua decisão de colocar à disposição dos parlamentares a liderança do PMDB na Constituinte, que ele atualmente ocupa.

Na reunião de ontem, os organiza-



Parlamentares se reúnem na sala Comissão de Constituição e Justiça para discutir programa e estatuto do novo partido

dores do novo partido resolveram dividir-se em cinco comissões. "Programa e manifesto", coordenada por Artur da Távola (PMDB-RJ), com José Serra (PMDB-SP) como relator do programa e Bisol como relator do manifesto; "Estatutos", coordenada por Octávio Elísio (sem partido-MG), tendo como relator o ex-deputado João Gilberto (RS); "Administração e Finanças", coor-

denada por Scalco, com Jayme Santana (PFL-MA) como tesoureiro.

As comissões de "Marketing e Propaganda" e de "Ação Política" (esta última integrada por Covas, Richa, Cardoso, Montoro e Pimenta) ainda não têm coordenadores. O nome do partido também foi assunto da reunião. Três sugestões foram debatidas: Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), Partido

Popular Progressista (PPP) e Partido da Renovação Democrática (PRD).

A sugestão da sigla PRD resultou de uma pesquisa dos publicitários do partido em Minas e São Paulo. Segundo Pimenta, além da melhor sonoridade, reúne as idéias de "novo" e "democracia", dois anseios populares captados na pesquisa.

Senador demonstra ser bom em "marketing político"

MARCOS AUGUSTO GONÇALVES
Editor de Opinião

Ao colocar ontem o cargo de líder do PMDB à disposição da bancada e marcar a data do rompimento com o partido, o senador Mário Covas confirmou as previsões daqueles que duvidavam que este anúncio seria feito ainda anteontem, logo depois da sessão que definiu o mandato do presidente Sarney. Confirmou, igualmente, a lógica que levava a esta conclusão: conforme a Folha informou, Covas, revelando um apurado senso de "marketing" político, acreditava que a repercussão de seu gesto seria prejudicada caso chegasse à imprensa acompanhada pelo profuso noticiário sobre a vitória do

Planalto. Esperou, portanto, um dia para fazer o que todos esperavam. Com isto, o PMDB sofre um golpe que dificilmente deixará de acusar. Perde o dono da medalha de ouro em jogos eleitorais com urna — com a marca de sete milhões de votos — e vê se concretizar a perspectiva de uma debandada que ainda tinha esperanças, se bem que pequenas, de evitar.

A arrastada indecisão com que os chamados "históricos" vinham conduzindo a questão do rompimento me fez vir à cabeça, há alguns meses, uma "boutade" sob medida para o perfil ideológico do grupo: "Os históricos se repetem como farsa." A decisão de Covas parece tirar a graça da piada.

Collor deixa o partido, mas não decide a nova filiação

Da Sucursal de Brasília

O governador de Alagoas, Fernando Collor de Mello, 38 anos, 490.246 votos, distribuiu ontem nota de 17 linhas comunicando seu desligamento do PMDB, partido pelo qual foi eleito, junto com um senador, dois deputados federais, um estadual, o prefeito de Maceió, Djalma Falcão, e o vice-governador Moacir Andrade. Collor de Mello disse que sua candidatura à Presidência da República "continua de pé", mas ainda não se definiu sobre uma filiação ao partido dos dissidentes do PMDB.

Collor atribuiu sua saída "ao comportamento vergonhoso do PMDB, cuja maioria aprovou o mandato de cinco anos para o presidente José Sarney, traindo pela segunda vez seu compromisso com eleições diretas". Em uma carta de apenas dois parágrafos, endereçada ao presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, Collor anunciou sua decisão, sem comunicá-lo previamente.

O governador de Alagoas disse ter conversado sobre sua saída na noite de quinta-feira com o senador Mário Covas. "Eu não faço restrições ao partido que está nascendo, sob a égide dos ideais do PMDB, mas ainda preciso conversar muito antes de escolher meu caminho político", afirmou. Collor de Mello disse que a aceitação de sua candidatura à Presidência não é pré-requisito para a escolha do partido.

Collor criticou duramente o presidente Sarney por seu empenho no prolongamento do mandato até 1990, além de manifestar temor pelo possível adiamento das eleições municipais porque "o governo não vai permitir que elas se realizem".

O governador deu entrevista na representação de Alagoas em Brasília, acompanhado dos deputados Renan Calheiros e Geraldo Bulhões, além do presidente da Assembleia de Alagoas, Cleto Falcão. Embora tenha anunciado a saída do senador Teotônio Vilela Filho, junto com o grupo, Vilela não compareceu à entrevista. À tarde, no Congresso, Vilela negou seu rompimento com o partido e afirmou que por ter um "compromisso com os senadores dissidentes do PMDB", só se desligará da sigla no momento em que for tomada uma decisão coletiva.

"Caçador de marajás"

A saída de Collor de Mello do PMDB é menos um episódio da crise interna do partido e mais um capítulo do conturbado relacionamento entre Collor e o governo do presidente José Sarney. De todos os governadores, Collor é o único de passado malufista (deputado federal eleito pelo PDS, votou em Paulo Maluf no Colégio Eleitoral), mas construiu uma imagem de probidade como "caçador de marajás" e vem criticando o presidente desde o fim do Plano Cruzado.

"Persona non grata" ao Palácio do Planalto, Collor queixa-se de discriminação contra seu Estado. Sua assessoria assegura que 45 milhões de OTNs (Cz\$ 60,07 bilhões) para financiamento de projetos do governo de Alagoas estão retidos em organismos técnicos de Brasília.

Collor assumiu o governo com uma folha de pagamento, a preços da época, de Cz\$ 520 milhões e uma arrecadação de Cz\$ 120 milhões. Dos 85 mil funcionários que encontrou, demitiu 15 mil, gastando hoje Cz\$ 1 bilhão no pagamento do funcionalismo.

Arraes admite deixar partido após Convenção

Da Sucursal de Recife

O governador de Pernambuco, Miguel Arraes, admitiu ontem em Recife, pela primeira vez, deixar o PMDB. Ele não estabeleceu prazos ou indicou qual o partido de sua preferência. Apenas disse que a ponto fundamental para a tomada de sua decisão seria o resultado da Convenção Nacional do PMDB, dia 21 de agosto, em Brasília.

"Não sou Flamengo sempre Flamengo, nem Vasco que rasga a carteirinha quando o time perde. Um partido é um instrumento. Na hora em que se quer apertar um parafuso, usa-se uma chave-de-fenda, mas quando é um prego, a chave-de-fenda deixa de servir", afirmou Arraes, acrescentando que "o fundamental são os objetivos a se alcançar".

Após a entrevista coletiva, conversando com os jornalistas, perguntou, rindo: "Vocês acham que eu sou PMDB? O dr. Tancredo Neves dizia que não."

Avanço institucional

Arraes disse que, como segundo vice-presidente da Executiva Nacional do PMDB, irá "à Convenção para discutir as questões básicas e para saber a posição real do partido diante da política que está sendo aplicada pelo governo, na medida em que há avanço institucional, mas as mudanças nas questões concretas, substantivas, na vida da população são muito poucas".

Para ele, o PMDB terá de definir-se na Convenção Nacional, na medida em que "a democracia não pode se construir de uma marginalização, ela não é um fim em si, é um instrumento do povo para resolver seus problemas e termos de transformar o PMDB nesse instrumento". Arraes deixou claro seu descontentamento com os rumos do parti-

do, que abandonou "as bandeiras sociais e econômicas em benefício da população".

Presidência do PMDB

Ele confirmou que juntamente com outros governadores, como Waldir Pires (BA), está tentando influir na composição da futura presidência do PMDB, para se conseguir um retorno do partido a posições de centro-esquerda. "Não podemos ter um modelo econômico que permaneça baseado na redução do salário nem permitir que o país se dilua pela ausência de um sistema financeiro sólido."

Questionado se iria para o partido em formação do senador Mário Covas, Arraes perguntou que partido é esse e o que ele pretende. Ao ser informado por um repórter que o futuro partido tentaria resgatar as principais bandeiras do PMDB, o governador lembrou que "muitos dos descontentes que estão deixando o PMDB votaram equivocadamente em questões substantivas, como a reforma agrária e a questão financeira", dizendo que não basta só o discurso — é preciso a prática. "É como um religioso que se ajoelha e diz amém, mas não tem a prática cristã."

Collor de Mello

O governador considerou como "episódicas e reações individuais" a saída do PMDB do governador Fernando Collor de Mello (AL) e o anúncio feito pelo líder do PMDB no Congresso constituinte, senador Mário Covas (SP), de também deixar o partido.

Arraes criticou por duas vezes o presidente nacional do PMDB, Ulysses Guimarães. A primeira, quando disse que a redução do mandato do presidente José Sarney nasceu quando "o presidente anunciou que abria mão de um ano e o Ulysses

Lula Marques - 16. Mai. 88



O governador de Pernambuco, Miguel Arraes, durante reunião no Alvorada

Guimarães e o Aureliano Chaves concordaram"; a segunda, quando disse que Ulysses não acatou pedido feito por ele, Arraes, logo após as eleições de 1986, para discutir os rumos do partido em decorrência de seu inchaço provocado pela filiação de políticos oriundos do PDS.

"Foi um erro grave, era preciso ter rediscutido a situação do partido naquela oportunidade e traçar uma linha política em decorrência do resultado das eleições. Isso não foi feito e deixou o partido sem parâmetro de ação e só com muito custo foi adiante."